

SENTIMENTOS BANALIZADOS

Noeli Marangoni Gilioli*

Alguns dias antes do carnaval na coluna de um jornal específico para adolescentes, li uma notícia sobre o lançamento de um spray antibactérias (nada comprovado cientificamente ainda) para ser usado durante o carnaval. Função? Eliminar as bacteriazinhas trocadas durante os beijos nas festas.

Os adolescentes fazem competição para saber quem beija mais durante uma noite de carnaval e é claro que se vangloriam da meta e das conquistas. Teve um que chegou a beijar duzentas meninas.

Atualmente, esses jovens trocam de parceiros nas suas “ficadas”, dizendo que não estão nem aí pra nada, que não se preocupam, que o que vale é aquele momento e que não se importam com o dia seguinte, nem mesmo com o fato de, daqui a pouco, o menino ou a menina “ficar” com outra pessoa.

Entretanto, será esse um sentimento verdadeiro? Ou estão banalizando suas próprias emoções para serem aceitos nos seus grupos e não se tornarem tão diferentes?

Presenciei uma conversa de jovens, entre duas garotas, e uma delas tinha estado um pouco triste e chateada porque uma terceira “amiga” havia “ficado” com o seu paquera. Ela tinha ficado muito interessada no menino, e ainda continuava; porém, havia passado algum tempo, e ela dizia que não guardava mais rancor. Até aí, tudo ótimo; faria mal para a saúde guardar ódio no coração, e perdão é uma atitude sublime, de poucos.

No entanto, o que fiquei pensando é, justamente, na banalização dos sentimentos desses jovens: serão enriquecedoras emocionalmente essas “ficadas”, sem nem ao menos se incomodar com alguma coisa, ou seja, como uma ação banal de cumprimentar as pessoas numa festa? Do ponto de vista da iniciação sexual, “ficar” pode ser muito útil para experimentar as sensações, conhecer seus limites. Entretanto, onde foi parar a consideração pelas pessoas

queridas, o respeito e a tal da temperança, que possibilita dosar e controlar os desejos?

Parece que, atualmente, vale tudo; tem que ser no aqui e agora, de acordo com os desejos; não se pode esperar. Parece que o legal é viver aquele momento, independente se isso irá magoar ou chatear alguém. Depois, um simples pedido de desculpas: “Não sei o que aconteceu comigo, estava fora de mim” resolve tudo. Saber que existem pessoas más e inescrupulosas, todos nós sabemos desde que o mundo é mundo, o problema está em que a pessoa traída, magoada, enganada tenha de aceitar tudo como se fosse normal.

Ora, pode ser normal, mas não é moral!

Que preço vão pagar aqueles jovens que pensaram apenas naquele momento e esqueceram de tudo e de todos para satisfazer um desejo, uma vontade? Como resultado disso tudo, temos jovens, e até mesmo crianças, depressivos; adolescentes que necessitam de artifícios, como as drogas, para sentir-se bem, para preencher um vazio interior deixado por desejos sempre atendidos.

A indagação que faço é a seguinte: o que fazem as pessoas, e esses jovens, com os sentimentos de raiva da amiga e do “ficante” que os traíram? Para onde estão sendo enviados todos esses sentimentos? Por que estamos considerando normal aquilo que já foi, e ainda é imoral?

* Pedagoga com especialização em Psicopedagogia e Gestão Escolar, Master Trainer em Programação Neurolinguística.